

GRANTA

É PERIGOSO SER
FELIZ DUAS VEZES

Raquel Ribeiro



*Se trata, no lo olvidés, de una ciudad
en la que todo el mundo quiere ser engañado.*

Virgilio Piñera, *Electra Garrigó*

Durante

Tinha os olhos azuis, claros. Durante vários minutos, parece que só lhe vi os olhos e que me agarrei a eles para poder respirar. Sorria, num rasgo cínico e macilento de quem sabe mais do que revela, de quem revela mais do que diz. Escrevinhava num papel branco, sem timbre nem cabeçalho. Chegou de *jeans* e *t-shirt*, mas quando me sentei à sua frente já envergava a camisa verde-azeitona, de mangas compridas, do uniforme do Ministério do Interior. Tinha cara de russo mas chamava-se Freddy.

O outro chegou atrasado, entrou na sala a meio da conversa, interrompendo algo sem importância que Freddy e os seus olhos azuis começaram por perguntar para quebrar o gelo. Literal: o gelo do ar condicionado na sala. Era novo, muito mais novo do que eu. Um miúdo. Os cubanos diriam que era um *galeguito*, pele amarelada de muito sol, mas branco. Talvez fosse de uma família *guajira* do interior, com gado ou cavalos, tinha cara de quem vem dali mesmo, do campo de Camagüey. Fazia de *good cop*. Chegou de uniforme já vestido. Tinha cara de cubano mas chamava-se Nicolai.

Havia ainda um terceiro. Uma espécie de secretário. Estava lá apenas como testemunha antes de Nicolai chegar, talvez porque Freddy não pudesse estar sozinho na sala comigo. Ficou a ouvir. Tinha o cabelo muito preto, um bigodinho curto, e vestia uma *t-shirt* branca, imaculada, como o papel que Freddy trazia na mão. Talvez tudo parecesse mais branco por causa do frio do ar condicionado. Era simpático, tinha um ar acolhedor de quem não pertencia ali. Não fazia perguntas. Não tinha autoridade.

Antes

Diziam-me para não me preocupar. «Essa gente» (diziam assim) que «chegou ao poder era simples e simpática.» Autoritários e intransigentes, militares, obedientes e submissos: era tudo mito?

Diziam-me para estar à vontade: «Não te preocupes, ele sabe quem tu és. Para ter aceitado a entrevista já te deve ter investigado bem.» O que faria eu se me perguntasse ao que venho? Diria sempre a verdade, ao que realmente venho, que estou aqui, em Cuba, como investigadora de uma universidade inglesa a fazer uma pesquisa para um livro sobre a presença cubana em Angola e as ligações culturais entre os dois países. Se sou jornalista ou escritora, pouco importa. A minha cena é a literatura, os livros, a cultura, os filmes, a poesia. Não faço política. Repete: a minha cena é a literatura, os livros, a cultura, os filmes, a poesia.

Diziam-me para colocar todas as perguntas que desejasse, porque ele era um «homem aberto» (repetiam): «Mas aquela tua teoria sobre a ‘síndrome de Angola’... se calhar, é melhor não fales nela.» A minha teoria ainda não tinha sido posta à prova. Era apenas uma impressão, minha, de que as consequências da guerra em Angola estavam ainda latentes na sociedade cubana, não resolvidas, criando uma espécie de trauma adormecido que se contrapunha ao discurso oficial de orgulho grandioso pela presença em África.

Repete: não falar na minha teoria. Fazer perguntas vagas e gerais, sobre o internacionalismo, a fraternidade entre os povos, as experiências dos cubanos em Angola, talvez uma ou outra pergunta (provocação? — não, pergunta legítima) sobre porquê tantos anos de silêncio, por que razão só agora se fala de Angola. Sorri, sê simpática, coloca as tuas perguntas sempre como dúvidas existenciais, não mostres saber demais, finge que, como és estrangeira, podes sempre pedir desculpa pelo incómodo, esta pergunta pode parecer tonta, mas —

Na biblioteca

Sempre a mesma biblioteca, onde não se pode entrar com telemóveis. Um dia, pu-lo no bolso dos *jeans*. Uma funcionária veio ter comigo quando eu regressava da casa de banho: «Isso que tens aí no bolso é um telemóvel?» Era. «Não se pode entrar com o telemóvel na biblioteca!», disse-me, com voz autoritária. Pus uma cara de estrangeira, «oh, não sabia.» Arrumei o telemóvel na recepção.

Dias depois, a mesma funcionária, quando eu regressava da casa de banho: «Isso aí no teu bolso é um telemóvel?» Levo a mão ao bolso e puxo pela ponta de um lenço de pano, suado e sujo: «Não, é o meu lenço.» Abano o lenço em frente à funcionária. Ela faz um trejeito de nojo e deixa-me em paz.

Meses depois, na mesma biblioteca: «Não podes pedir três anos da revista de *Revolución y Cultura*. Agora só se pode pedir três meses.»

Eu: «Mas ainda ontem pedi três anos e vocês deram-mos!»

Funcionária: «Sim, mas mudaram as regras.» Quando? Como? Porquê?

Bibliotecário ouve discussão e pergunta: «O que se passa aqui?»

Funcionária: «Esta leitora estrangeira não quer aceitar as novas regras.»

Bibliotecário: «Quais novas regras?» Ela explica.

Bibliotecário, para mim: «Ainda ontem lhe trouxe três anos, não foi?» Sim, aceno a cabeça. «Trago-lhe os três anos. Mas você faz demasiadas perguntas», disse, com o dedo em riste. Sorriso suado, extenuado, exausto. Repete: a minha cena é a literatura.

Semanas depois: «Agora só se pode pedir dois livros por dia.»

«Como dois livros? Ainda ontem se podiam pedir três.»

«Mudaram as regras.»

«Mudaram quando?»

«Mudaram, simplesmente mudaram.»

Antes

Conseguiu uma entrevista no Comité Central com a mais alta figura do período em que os cubanos estiveram em Angola. Foi há muito tempo e durante muito tempo: entre 1975 e 1991. E Jorge Risquet era um homem importante: foi também o representante cubano nos Acordos Tripartidos entre a África do Sul, Cuba e Angola que aprovaram a retirada de tropas cubanas e sul-africanas de Angola, em 1988.

Era uma figura que me intimidava. Vira várias entrevistas com ele, na televisão, em documentários, e assustava-me aquela figura robusta, de barba rala e branca, que falava rapidíssimo com sotaque *habanero* cerrado. Tão veloz como o seu pensamento, acutilante, esperto, arisco. Via-se nas entrevistas, e viu-se também quando me sentei ao seu lado no escritório que ocupava no Comité Central, em Havana. Ele falava, falava, e eu tinha receio de não poder transcrever aquela conversa. Estava sempre à espera de conseguir ler-lhe o corpo, os seus olhos chineses, os lábios de mulato, o sorriso que me parecia franco e sincero, os *mi vida* ou *mi niña* que dizia entre as frases, como se eu, investigadora, fosse a sua neta fazendo perguntas tontas sobre África, e a sua gentileza esparramada sobre a mesa do café, com sumos e biscoitos e os mapas dos avanços e recuos das batalhas sucessivas no Cuito Cuanavale, com desenhos dos tanques e dos aviõezinhos cubanos e sul-africanos, na região do Cuando-Cubango, em Angola.

Estava ali porque uma amiga, editora de Risquet, lhe ligou e lhe pediu que me concedesse uma entrevista. Foi, aliás, a primeira coisa que me disse:

«Explicaram-me que devia recebê-la», enquanto me encaminhava para o sofá e me perguntava se queria tomar alguma coisa.

«Íbis, traz aí o sumo de manga para a menina!», gritou, com a porta aberta, à secretária que, em segundos, já tinha o tabuleiro com o sumo. «Íbis! Traz-me os mapas do Cuito Cuanavale de 1987»; ou «Íbis! Traz-me os documentos da coluna do Che no Congo e as foto-

grafias com o Agostinho Neto.» E Íbis aparecia, por milagre, com o que lhe pediam à porta do escritório. Não faltava um documento, nem uma dúvida sobre o ano, o lugar, a informação solicitada.

Distraía-me sempre que Íbis entrava na sala. Era uma negra simpática e com o olhar doce. Silenciosa. Só depois falei com ela, apesar de me ter acompanhado da recepção do Comité Central até ao quinto andar, por corredores e escadas, portas fechadas e elevadores, quase dez minutos de caminhada em silêncio, perscrutando-me. E eu a ela.

Durante

Recebi um telefonema na véspera, cinco da tarde, dormia a sesta. A senhoria acordou-me. Era da Imigração. Pediam-me para comparecer no dia seguinte, às nove da manhã, para «esclarecer umas coisas». Tremi: «Mas está tudo bem com os meus documentos?»

«Amanhã lhe diremos.» Seco.

A senhoria perguntou-me o que se passava. Expliquei que tinha a carta da Universidade de Havana que certificava a minha investigação. Uma carta com carimbo, cabeçalho e assinatura do vice-reitor, coisas importantes quando em Cuba temos constantemente de explicar quem somos. Ela pediu-me para ver a carta: «Não deve ser nada de especial. Eles estão sempre a chamar turistas americanos à Imigração. Deve ser por causa daquele teu visto estranho, mas se tens esta carta, tudo bem», disse a senhoria.

Visto estranho: não era de turista, nem de negócios, nem de família, nem de estudante. Era qualquer coisa como «investigadora residente». Um D-2. Era possível que em Camagüey, no cu de judas de Cuba, nunca tivessem visto tal. «É só mostrar a cartinha», insistia a senhoria. Terá sido ela a denunciar-me?

Fui a Camagüey entrevistar dois escritores. Um, que tinha conhecido em Havana, disponibilizou-me os seus livros e disse que podíamos conversar na Feira do Livro de Camagüey, na semana seguinte,

porque faria lá algumas apresentações. O outro vivia em Camagüey, tinha estado em Angola, era presidente da União de Escritores da região e publicara três livros com testemunhos de camagüeyanos sobre as suas experiências em África. Era ainda o dinamizador da Associação Provincial de Combatentes.

Meti-me no autocarro. Sete horas e meia depois cheguei à cidade que, anos antes, mais amara em Cuba. Era fim de Fevereiro, as magnólias estavam brancas e abertas na Praça com a estátua do General Agramonte, as esplanadas cheias de gente, as barraquinhas da feira do livro espalhadas pelas pracetas, as ruas labirínticas repletas de bicicletas, e o gelado a um peso cubano: todos os dias, um sabor diferente ao som do gerador.

Antes

Fui de táxi, num daqueles 555, Lada amarelo. Quatro da tarde de um Verão de Agosto em Havana. Reverberações de calor na distância, morte lenta de desidratação involuntária. Disseram-me para me apresentar uma hora antes porque tinha de passar o *check-point* do Comité Central, e que deveria entrar pela Praça da Revolução, pela barreira ao lado do monumento ao José Martí.

O taxista recomendou: «Se não me deixarem entrar com a *señorita*, vai ter de atravessar a pé aquela avenida sem árvores atrás do Martí.» Imaginei-me agarrada às estreitas palmeiras, mais de três quilómetros ao sol, desmaiando de calor quando chegasse aos altos cumes do poder para me encontrar com Jorge Risquet. «O melhor é tentarmos entrar por baixo.» Confiei — os taxistas sabem sempre, eles sabem tudo, parecem informadores, quatro olhos abertos circulando pela cidade.

Check-point: três militares jovens, uma mulher e dois homens. A mulher dirige-se ao carro e grita: «Ao que vem?» É uma voz de pau, autoritária e retesada, com as mãos atrás das costas, e grita como se eu estivesse do outro lado da praça.

Aclaro a garganta e coloco voz de rádio: «Boa tarde. Tenho um encontro com o doutor Jorge Risquet, aqui no Comité Central, às cinco da tarde.»

Ela: «*Carné!*!»

Eu: «Não tenho *carné*, não sou cubana. Mas tenho aqui o meu passaporte.» Entrego-lho. Ela folheia-o em silêncio, de nariz torcido. Continua a gritar contra o vento: «Ao que vem!?»

Eu: «Sou investigadora portuguesa e tenho um encontro com o doutor Jorge Risquet.»

Ela: «Com quem?!?»

Eu: «Jorge Risquet?»

Ela: «Jorge *Qué!*?»

Preocupada: se calhar não estou a pronunciar bem o nome do senhor. Abro a sua biografia, que trago comigo, aponto-lhe o nome, «este senhor?», ela arregala os olhos. Será que não sabe ler?

Eu: «Risquê? Risquette? Risquet? Risque? Jorge?»

Ela: «E onde trabalha?»

Eu: «No Comité Central.»

Ela: «Minha senhora, o Comité Central é muito grande!»

Ela afasta-se e deixa-me ali pendurada, taxímetro a contar. O motorista contempla-me em silêncio pelo espelho retrovisor. Repete: a minha cena é a literatura, os livros, a cultura, os filmes, a poesia. Não faço política. Sorri e repete. Vejo pela janela do carro que a rapariga militar-que-grita se dirige à cabina do *check-point* e fala com os colegas. Quinze minutos depois, carro a torrar ao sol, o suor já era do calor e não dos nervos, levava o leque e abanava-me, quando se aproximou o rapaz. Também jovem militar, mais descontraído, óculos *ray ban* espelhados, ou cópia de contrafacção cubana. Estiloso.

Ele (não gritava): «*Carné.*»

«Boa tarde. Não tenho *carné*, não sou cubana. Aqui tem o meu passaporte. Sou investigadora portuguesa e tenho um encontro com o doutor Jorge Risquet.»

Ele folheia o passaporte e pergunta: «Você é dominicana?»

Contendo o riso, repete, repete, não faço política, sorri, voz de rádio: «Não. Sou portuguesa.»

Ele: «Mas aqui diz República.»

Eu: «República Portuguesa, isto é, Portugal. Não República Dominicana.»

Ele acena, como quem percebeu não percebendo: «E vem falar com quem?»

Explico. Outra vez. Digo que não sei onde, no Comité Central. Que é uma instituição grande, mas que pensei que toda a gente sabia quem ele era. O rapaz nunca tira os óculos e eu consigo ver as gotas do meu suor no reflexo dos *ray ban*. Ele dá ares de quem está em controlo. Não grita, como a rapariga, mas não faz ideia do que estamos ali a fazer.

Afasta-se do táxi. Mais dez minutos de telefonemas na cabina do *check-point*. Entretanto já são quatro e meia e a minha reunião é às cinco. Receio chegar atrasada. Não fica bem chegar tarde a uma reunião no Comité Central, penso eu, que sou quase dominicana, se fosse europeia ficar-me-ia muito mal, distraio-me com as minhas identidades caribenhas e lembro-me apenas de que não sei pronunciar o nome do senhor. Embaraço e dor de barriga. O rapaz regressa: «Pode passar.»

O taxista avança, contorna o edifício, sempre contemplando-me em silêncio pelo retrovisor. Estaciona. Quanto devo? Ele abana a cabeça, incrédulo, leva as mãos à cara e grita-me: «Eles não sabem quem é o Jorge Risquet?!? Meu deus, que ignorância! E põem estes miúdos a fazer *check-points*? Não conhecem sequer os seus chefes?!?» Respiro de alívio: não estava só.

Na biblioteca

Biblioteca. Oito horas da manhã e já está um calor insuportável. A minha colega A. diz que, «normalmente, as janelas estão abertas ou as ventoinhas ligadas». Assamos vagarosamente. «Vou pedir para abrir a janela.» A. faz uma careta: «Não me parece boa ideia.»

«Bom dia, posso abrir a janela?», pergunto às duas funcionárias da biblioteca, uma sentada atrás do balcão, a outra de pé, junto a mim.

«Qual janela?», pergunta a mulher-sentada.

«Aquela», aponto. Só estou eu e a A. na biblioteca.

«*Mami*, a janela do Santo Tomás pode-se abrir?», pergunta a mulher-sentada à mulher-de-pé.

A mulher-de-pé contempla-me. Olha a janela. Contempla-me. Olha a janela. Nessa hesitação, pergunto-me: será que me vai dizer que não? Como é possível, se está calor?

A mulher-de-pé contempla agora a outra mulher. Olha a janela e depois a mulher-sentada. Nessa hesitação, dou-me conta de que cada janela tem o nome de um escritor: Shakespeare, Santo Agostinho, Locke, Kant. Talvez o Santo Tomás não se possa abrir, mas, nesse caso (continuo a pensar enquanto a mulher me examina em silêncio e a minha cara começa a desenhar um esgar de incredulidade), poder-se-á abrir a janela do Kant?

A mulher-de-pé continua a contemplar-me, são dois longos minutos em silêncio até proferir um tímido «sim», inaudível, arrancado do fundo das suas vísceras, como se estivesse a dar uma ordem que ia contra todo e qualquer princípio revolucionário. Sorrio ao «sim» e corro para a janela, não fosse a mulher-de-pé mudar de ideias.

Durante

Sabia que não estava tudo bem. Talvez por isso tenha destruído algumas páginas do meu caderno, apagado as entrevistas do meu computador, passando-as, com outro nome, para o *ipod*, dando-lhes títulos de canções. Telefonei para Havana e pedi que guardassem a minha *drive* externa, que tinha deixado em casa. Não era por mim, não temia por mim. Mas por aqueles que tinham falado comigo. Conversas íntimas, deles, só deles, e minhas também. Podia ser presa, sim, mas as consequências para eles seriam piores. Queria protegê-los. E senti que havia qualquer

coisa de errado naquele «amanhã lhe diremos» da voz do homem ao telefone.

Nessa noite, contei a um dos escritores que, no dia seguinte, sábado, teria de comparecer à Imigração. Contei do telefonema e da carta. Ele disse-me: «Foi a tua senhoria que te denunciou. Não duvides. Para conseguirem licenças de aluguer a estrangeiros, uma das condições é levantarem suspeitas sobre os seus clientes e denunciarem.»

A mulher do escritor continuou: «Mas o tema dela, Angola, não é fácil, também. Se ela estudasse Alejo Carpentier ninguém a chamaria à Imigração.»

O escritor: «Queres que vá contigo?» Não. Acho que devo ir sozinha.

A mulher do escritor: «É melhor não ires com ela. Pode levantar suspeitas.»

Então, o escritor garantiu-me que me esperaria às 11h30 na taberna do costume. «Quando saíres da Imigração, vem para cá. Espero-te aqui. Que nem te passe pela cabeça faltares ao nosso encontro, ou eu mesmo vou buscar-te à Imigração, ouviste?» Acenei, confiante. Tinha um amigo.

Antes

Risquet falou durante mais de quatro horas. Pensei que a bateria do gravador ia expirar. Eu acenava muito com a cabeça. Tinha uma série de perguntas preparadas mas ele continuava a contar-me, com bastante entusiasmo, de quando tinha estado no Congo em 1965. O meu trabalho começava todo em 1975, no máximo em 1974, com o 25 de Abril, mas ele estava parado no tempo, dez anos antes. Passavam as horas e a história não avançava, eu não conseguia interrompê-lo, ele falava rápido e eu ficava agarrada às palavras para ver se conseguia ler para além do que ele realmente me dizia. Naquela sala, Che Guevara ainda estava vivo, Risquet treinava guerrilheiros do MPLA, Agostinho Neto no exílio, e eu ansiava pela revolução dos cravos e pela independência de Angola.

Falámos do internacionalismo. Queria saber por que razão os cubanos eram tão abnegados. Esperava uma resposta utópica, boa de citar, mas respondeu-me, singelo: «É assim que nós somos.» Depois lá contou a história de Máximo Gómez, general dominicano que lutou nas Guerras de Independência de Cuba contra Espanha, e de Che Guevara, médico argentino que viera para a Serra lutar pela libertação «do jugo imperialista». O internacionalismo e a solidariedade entre os povos faz parte da história de Cuba. Ir a Angola foi também retribuir essa dádiva.

Risquet levantou-se e foi buscar um livro que tinha acabado de sair na República Dominicana e que o embaixador em Havana lhe tinha oferecido. «Leia. Disseram-me que é muito bom. Mas depois devolva-mo porque só tenho esse exemplar.» Poderia recusar tal gentileza? Não estava muito interessada em ler mais um livro sobre a vida de Máximo Gómez, mas como poderia dizer que não a Jorge Risquet? Agradei, sorriso fixo (doíam-me os maxilares), e disse-lhe que o devolveria no final da semana. «Vou de férias, mas fale ali com a Íbis e combine com ela para devolver o livro.» Abri-o: havia uma dedicatória pessoal do embaixador.

«Faça lá as suas perguntas», disse finalmente. Falámos sobre Portugal e sobre o 25 de Abril. Ele disse: «Sim, aquele louco, como se chamava?» Otelo? «Esse, o Carvalho. Veio cá num 26 de Julho, lembro-me bem.» De Rosa Coutinho não se lembrava e depois disse: «É tão importante que alguém jovem como tu, da tua geração, esteja interessado nestes assuntos. É isso que queremos passar também para os jovens cubanos. Que se interessem pela nossa história.»

Senti neste «jovem como tu» uma pequena abertura — afinal ele era «gente simples» — para colocar as minhas dúvidas. Não era uma provocação (repete: não fales na tua teoria, da «síndrome»), era uma dúvida que tinha há muito tempo e a que só ele podia responder. Isto porque outra pessoa qualquer me explicaria enquanto analista político, ele responder-me-ia enquanto testemunha de um processo histórico. Perguntei-lhe, embalada pelo «jovem como tu»: «As relações entre Cuba e Angola mudaram após a morte de Agostinho Neto?»

[Silêncio. Longo.] «Mudaram como?»

«Se mudaram as relações económicas [ia dizer ideológicas, mas, repete: não faço política], de amizade, na transição de Agostinho Neto para José Eduardo dos Santos?»

[Novo silêncio. Longo. Mais longo do que o anterior. Sorriso. Amarelo.]

Repete: a minha cena é a literatura, os livros, a cultura, os filmes, a poesia.

Risquet continua em silêncio. Com um sorriso fixo, abana a cabeça e chega-me uma citação da sua biografia: «*Cuando Risquet no quiere dar una información sonrie y se queda callado, pero nunca miente.*»

O silêncio foi longo. Aquele quase-minuto de embaraço, o sumo de manga já bebido, os grãosinhos de açúcar espalhados pela mesa de vidro, os *posters* retro de revistas cubanas dos anos 60 e os mapas de África nas paredes, os livros, muitos livros, não fazia calor, mas eu sentia um frio de morte pela espinha abaixo, a Íbis estava sossegada lá fora, ninguém a chamou, por isso não veio em meu socorro com os seus olhos doces, apenas o Risquet, monstruoso, enorme bola de gordura, barba branca e rala, olhos chineses e lábios de mulato, sorriso amarelecido talvez pelo sumo de manga.

Eu mesma quebrei o silêncio, perguntando, num suspiro de lamento e voz de rádio, directamente ao coração: «Mas deve ter sido terrível, para si, perder um amigo como Agostinho Neto.» Ele anuiu. Começou por contar que não pôde ir ao funeral. Depois falou das homenagens que lhe prestaram em Cuba. «Uma grande perda», rematou. Os seus olhos brilharam como se contemplassem Neto na distância, numa espécie de regresso aos velhos tempos, Guerra Fria, rum e revolução, e respirei de alívio (repete: não faço política), porque por momentos consegui transformar a pergunta política numa confissão emocional. «Mas voltando à sua pergunta», disse ele, novamente com o aceno de cabeça e aquele sorrisinho: «Não. As relações entre Cuba e Angola não mudaram.»

Na biblioteca

Tentara várias vezes ir à biblioteca do Instituto de História, mas diziam-me que estava em obras e que só no ano seguinte poderiam dar acesso a mais investigadores. Sabia que eles tinham em arquivo entrevistas com testemunhos dos primeiros anos em Angola e eu queria aceder a esses materiais. Com uma série de telefonemas, de amigos para amigos, consegui reunir-me com o vice do Instituto.

Era um jovem investigador, simpático, que me disse, depois de eu esperar mais de meia hora por ele na recepção: «Recomendaram-me que a recebesse. Mas pensei que era canadiana.» Estávamos no fim de Julho e a biblioteca ia fechar durante Agosto. O vice disse-me que podia aceder aos materiais «hoje e amanhã». Sabia que não ia poder ver tudo mas, pelo menos, «fica com uma ideia do que temos aqui, quando regressar para o ano já pode fazer a sua investigação.» A bibliotecária trouxe-me de imediato tudo o que havia sobre Angola. Reparei que os outros investigadores tinham câmaras e fotografavam à vontade. Quando quis tirar uma foto, dirigi-me à bibliotecária e perguntei se podia. Ela respondeu-me, intimidada e fria, oposta à pessoa afável e sorridente que me pusera o *Jornal de Angola* em cima da mesa e me dissera, «quando terminar este ano peça o próximo».

«Acabei de receber um telefonema: você não pode consultar mais nada nesta biblioteca.»

«Como?»

«Sim, recebi agora ordens de que só pode ver a base de dados, consultar as cotas e retirar a informação, mas não pode aceder a nenhum material.»

«Mas o senhor [vice] disse que eu podia. Não estou a perceber.»

«São ordens.»

Quero falar com o vice. «O vice não está.» Como não está? Ainda há pouco falei com ele. «Ah... vai ter de esperar. Ele foi ao outro edifício do Instituto.»

Duas horas depois: desespero, lágrimas, humilhação. Tinha um livro e um leque. O livro servia de leque e o leque, abria-o e fechava-o, de nervos, como um livro. Não conseguia concentrar-me. Queria explodir. Controlava-me. Bebia água. Queria ir à casa de banho. Finquei o pé. Fiquei. O telefone tocou. Era o vice: «Raquel, deve haver um mal-entendido. Disse-lhe que só poderia consultar as cotas.» Não, disse-me que podia ver tudo à vontade. «Pois [silêncio]. Espere um minuto e já lhe ligo novamente.» Vários minutos, vice ao telefone: «Havia um mal-entendido com a sua carta junto da direcção. Está tudo resolvido. Pode consultar tudo o que quiser, mas só hoje e amanhã.»

De novo na biblioteca, a funcionária já não era aquele bicho-do-mato intimidado com a «ordem de cima». Era novamente a senhora afável que me foi buscar os jornais e até me perguntou, com um largo sorriso: «Em que página estava? Pode fotografar à vontade.»

Durante

Estava treinada para repetir: a minha cena é a literatura, os livros, a cultura, os filmes, a poesia. Por isso me surpreendi quando Freddy, de olhos azuis, intensos, matreiro, me perguntou: «Já foi à Tanzânia?»

«O que foi lá fazer?» Férias. «E porquê à Tanzânia?» Tinha lá um amigo. «E foi a Moçambique?» Sim. «Fazer o quê?» Estava na Tanzânia e cruzei a fronteira. «E onde arranjou o visto para Moçambique?» Em Dar-es-Salam.

Não percebia a relação entre a Tanzânia, Moçambique, Cuba. Pensei nas revoluções, nos anos 60, no Mondlane e no Nyerere. Mas quando ele me perguntou: «E já foi à Índia?» Concluí: será que pensa que sou terrorista? África Oriental, Corno de África, piratas na Somália, Índia, Paquistão: é uma rota habitual entre os terroristas. «E estive em Hong Kong?» Sabia que em breve me

perguntaria pelos Estados Unidos, porque eram os carimbos que faltavam.

«Como pode concluir, sabemos isto porque lemos o seu passaporte. Mas há coisas que não vêm no seu passaporte.» Tentei lê-lo nas entrelinhas. Não consegui nada para além dos olhos azuis. Entrou o Nicolai.

«O que está a fazer em Camagüey?»

Vim à Feira do Livro. Mostrei a acreditação. Sou investigadora de uma universidade inglesa e estou aqui a fazer um trabalho sobre as representações culturais entre Cuba e Angola. Mostrei a cartinha.

«Angola, pois...», disse com a carta na mão. Não me perguntou pelos Estados Unidos. Estranhei. Voltou a sorrir e a contemplar-me: «Porque está tão interessada no Ochoa?»

Gelei. O Ochoa não estava na carta. O Ochoa não era um carimbo no meu passaporte. O Ochoa não tinha sido invocado. O Ochoa não estava sequer nos livros de história. Como é que ele sabia que eu tinha falado com alguém sobre o Ochoa? Mantive o sorriso, mas a minha cabeça, a mil à hora, dizia-me: denunciaram-te. Alguém, um bufo, denunciou-te. Quem terá sido? Não importa, Raquel, põe-te fria. Será que eles têm mais do que dizem? Mas não fiz nada de errado. Respondi:

«Não estou interessada no Ochoa. Porque me pergunta isso?»

«Tem a certeza? Tem a certeza de que não andou por aí a falar no Ochoa?»

«Não fui eu quem falou no Ochoa. Quando me falam no Ochoa, ouço. A mim o Ochoa não me interessa. O que me interessa é a literatura, os livros, a cultura, os filmes, a poesia.»

Novo silêncio. Novo sorriso cínico de olhos azuis. Russo: «E a política, não lhe interessa?»

«Não. Trabalho sobre literatura. A política não me interessa.»

E dentro da minha cabeça gritava, «mas tudo é política!, tudo é política!», e acenava muito lentamente, a ver se passava. Não passava. Quem terá sido? Quem foi o bufo?

«Temos a informação de que andou a fazer perguntas sobre o Ochoa. Não sei bem quais são as suas intenções, mas rogo-lhe, de imediato, que pare. Quaisquer que sejam as suas intenções: estou a avisá-la.»

Percebo. Aceno. Gelada. «Não tenho nenhum interesse no Ochoa, já lhe disse. Se alguém me falou no Ochoa foi apenas porque é um facto histórico que existe na história de Angola e de Cuba, e como eu estudo a literatura, a poesia, o cinema, de Cuba e de Angola, ele pode ter surgido em conversa. Só isso.»

«Como deve calcular, nós somos militares, e para nós não há livros, poesia, cinema sobre Angola. Angola é um tema militar.»

«Compreendo. Mas vim a Camagüey encontrar-me com este senhor [tiro da mala o livro que trouxe comigo], um escritor desta cidade, e que escreveu este livro sobre Angola porque foi combatente. É um testemunho e também tem poesia. Como vê, não tem nada a ver com política. É um livro de poesia.»

Repete: a minha cena é a literatura, os livros, a cultura, os filmes, a poesia. «Não faço política.»

«O que faz?» Sou investigadora.

«Qual é a sua formação?» Em literatura. Tenho um doutoramento em literatura. Em Inglaterra.

«Não percebo como vive em Inglaterra mas o seu passaporte é português?» Na União Europeia podemos circular livremente.

«Repare: eu não vou lá ao seu país fazer perguntas de cariz político, portanto rogo-lhe que não venha fazê-las ao meu.» Aceno. Sorrio: «Claro, compreendo», mas na cabeça gritava: «Não vais ao meu país fazer perguntas porque nem consegues sair deste.» Continuo a sorrir. Percebo que estou a perder o controlo, sobretudo porque não me lembro de dizer mais nada em minha defesa, senão: «A minha cena é a literatura, os livros, a cultura, os filmes, a poesia. Não faço política.» Eu própria deixara de acreditar.

«Para que quer essas entrevistas?»

«São muitos autores, tenho de os entrevistar para saber as circunstâncias em que os livros foram publicados, quando o foram, porque

os escreveram. Muitos destes textos são dos anos 70 e 80, muitos não estão disponíveis em bibliotecas em Havana, menos ainda em Inglaterra, por isso tive de vir a Cuba e, em particular, a Camagüey.»

«Mas o seu visto não lhe permite fazer entrevistas.»

«Tem a certeza? É que eu já faço isto há muito tempo.»

Agora, tremia. Parecia-me mais frio do que antes. Seria o suor frio descendo pelas costas? Tinha as pernas cruzadas, as costas direitas. Estava um caco, mantive-me dura, queria fugir. Não havia volta. Foi então que me dei conta de que não podia dizer: «Olhe, sou jornalista, vá ao Google e procure o meu nome.» Não havia computador na sala. Teria sido salva pelo embargo? E também não podia dizer: «Todos os meus colegas fazem entrevistas, faz parte do acordo entre as universidades.» Ia colocar tudo em causa. Levantar suspeitas. Quem me teria denunciado? Quem foi? Em Havana, via já o vice-reitor receber um telefonema intimidatório porque tinha deixado entrar uma rapariga «jovem como tu» que fazia perguntas que não devia.

O tempo passava e eu sentia cada vez mais frio, uma espécie de adormecimento dos membros inferiores. Endireitei-me na cadeira e elevei a voz. Era o resto de autoridade que me sobrava. Disse, firme: «Tenho a certeza de que posso conversar com as pessoas, afinal essa é a natureza do meu trabalho. É sobre os livros delas, os poemas, os testemunhos. Não interessa se é militar ou sobre a guerra. É sobre os livros. No ano passado estive cá a fazer a pesquisa sobre cinema. Este ano é literatura. Se não acredita, ligue ao director do Instituto do Cinema e pergunte-lhe se me conhece.»

Freddy respondeu, ameaçador: «Isso é o que nós vamos ver.»

E saiu da sala.

Depois

Aprendi a beber rum quente, de golada. E ainda era de manhã. «Devias ter dito que conhecias o Jorge Risquet!», disse-me um amigo. Nunca lhe contei que foi por causa do Ochoa. Nem queria

saber do Ochoa, era apenas conversa de circunstância, estava na história, um facto como outro qualquer. E sobretudo não falei no Risquet ao Freddy e ao Nicolai. Talvez o Risquet não gostasse nada de saber que esta «jovem como tu» andava perdida por Cuba a fazer perguntas sobre o Ochoa.

Outro amigo: «Estiveste a falar com o escritor L.? Claro que foste interrogada! Esse gajo é um *gusano*, um contra-revolucionário, já foi perseguido e tudo.» É? Não sabia. Sei que escreveu um conto sobre Angola, por isso falei com ele. «Claro! Está tudo explicado: foi por causa do escritor.»

Outro ainda: «Da próxima vez que fores a uma cidade na província, diz-me, que nós avisamos o Partido e ficas logo protegida, não tens de passar pela mão desses anormais provincianos que só querem mostrar que têm poder sobre os estrangeiros. Sabes, em Cuba, os provincianos são um pouco limitados.»

Não queria contar a ninguém. Não confiava em ninguém. Em quem poderia confiar agora? Regressei num domingo de madrugada, fazia um frio terrível em Havana, menos de dez graus e eu só tinha um casaquinho de malha. Talvez sentisse ainda o frio da conversa com Freddy e Nicolai, talvez o frio se tivesse entranhado em mim, gelado o meu coração. Não dormira nessa noite, nem na seguinte, nem durante as sete horas no autocarro de regresso, sempre com medo. Parámos em Sancti Spiritus numa zona de *check-point* e quando o motorista pegou no microfone pensei que ia perguntar: «Está aqui alguma Raquel Ribeiro?» Vinham por mim. Vinham atrás de mim. Por minha causa. Sabiam quem eu era, o que queria, o que fazia, o que pensava. O motorista disse: «Vamos parar aqui alguns minutos porque temos um problema no motor.» Paranóia: não era o motor, estavam à espera de alguém. Eu sabia. Vinham por mim.

O escritor ligou-me dias depois para Havana, para saber como estava: «Um pouco abatida, mas tudo bem», respondi. Suspendi as entrevistas, encontrava-me com as pessoas em sítios públicos, mas tomava apenas notas e não gravava. Ia às bibliotecas. Nas bibliote-

cas podia estar à vontade, afinal a cartinha assim o dizia. O escritor repetia muitas vezes: «Não te esqueças, Raquel, nós somos teus amigos.» Em quem poderia confiar?

Liguei a uma amiga. Não queria falar com ela por telefone, queria visitá-la uns dias depois: «Ah!, *mi Raqué*, esta semana tem sido uma confusão. Rebentou-se-me a conduta de gás do prédio e não fomos todos pelos ares por sorte. Agora não temos nem gás, nem água, nem luz, por segurança.» Segurança: subo os três andares por uma escada periclitante. O chão da sala abaulou. Às vezes, pedacitos de cal bóiam à superfície do chá. Finjo que não vejo que o martelo pneumático das obras faz a casa tremer. «Se a cal cai é sinal de que ainda há tecto», penso. Um amigo disse-me: «Tecto, sim. Céu, é que não sabemos.» Mas o que era o meu interrogatório ao pé de uma casa a cair? Ao pé de uma vida sem água nem luz?

O telefone tocava e eu sabia que eles vinham por mim. Queria contar a alguém, confiar em alguém, mas a paranóia alastrava: quem me denunciou? Porquê? Sanidade, consciência limpa: não fiz nada. Mas alguma vez poderei voltar a confiar em alguém?

Durante

Finalmente, Freddy entrou na sala com o papel na mão e desligou o ar condicionado. Entretanto, Nicolai-*good-cop* fizera perguntas de circunstância: o nome da minha universidade, o título da investigação, o nome dos professores, a minha morada em Havana, o meu telefone. Queimava tempo. Às vezes ficávamos em silêncio. Remeti-me a ele. Já não conseguia dizer mais, sem deixar de acreditar, que «não faço política».

Pensei que estava fodida. Podiam expulsar-me do país, mas não tinham provas para me prenderem. Tinha contado a duas amigas por mensagem e elas sabiam que, se não desse notícias em vinte e quatro horas, deveriam avisar alguém.

Freddy sentou-se e deixou que Nicolai terminasse as suas perguntas. Eu (sanidade: não fiz nada) repetia: «Se quiser posso dar-lhe o número de telefone em Havana da casa onde fico sempre, pode ligar para lá se precisar de mais alguma informação.» Nicolai apontava tudo. Até que se virou para Freddy: «Então, averiguaste?»

Freddy sorriu, com os mesmos olhos azuis-claros, de russo. Mas agora eram calmos como o mar do Caribe, serenos. «Sim, averigui e, sim, você pode fazer estas entrevistas [sorriso largo, como o dentista que larga a broca e diz 'já passou!']. Mas não sobre política!», lembrou, de dedo em riste, como se me estivesse a dar um puxão de orelhas, lição de moral, ameaça. Era só intimidação.

Respirei. Freddy perguntou: «Em algum momento, durante esta nossa conversa, a Raquel se sentiu intimidada?»

Arregalei os olhos: «Eu? Não, claro que não...»

«Em algum momento, durante esta conversa, a Raquel se sentiu coagida a responder? Sentiu que fomos violentos ou que a importunámos?»

Continuei, incrédula: «Não, de todo, nunca.»

«E ontem ao telefone? Fomos educados e cordiais consigo? Fui eu que falei consigo, aliás...»

«Não, foram sempre muito simpáticos.»

«Pedimos desculpa pela demora, e por tê-la feito aguardar [mais de uma hora] mas estávamos à espera do Nicolai e tivemos de começar sem ele. Como reparou, até ligámos o ar condicionado para estar mais confortável.»

Foi então que percebi. Eles tinham chegado em *t-shirt*, fazia calor, mas na sala vestiam as camisas verde-azeitona do Ministério do Interior, de manga comprida. Eu vestia uma *t-shirt* fininha e uns *jeans*, calçava umas sandálias, os meus pés tão gelados como se tivessem estado dentro de um frigorífico durante horas. Tremia. Tinha as pernas cruzadas para não mostrar que tremia. Só então olhei para o ar condicionado: 10°C.

Freddy passou-me um papel onde estava escrito, pela sua mão, que em momento algum a Raquel se sentiu intimidada e pediu-me para o assinar. Assim fiz, o mais depressa possível. «Pode ir.»

Cá fora, estava um bicitáxi à minha espera. «Táxi?!» Queria caminhar, precisava de espaiçer. «Ainda é longe até ao centro. Cobro-lhe um dólar. Venha!» Queria andar a pé, fugir dali, respirar. «Venha lá, ou está a fazer-se esquisita?» Paranóia: depois de ter assinado o papel, qualquer coisa me podia acontecer. O bicitáxi podia enfaixar-se debaixo de um camião. Podíamos ter um acidente. Podia raptar-me. Paranóia, Raquel, paranóia. Olhei para trás. Freddy estava à porta da Imigração. Fumava um cigarro. Sem confiança, subi para o bicitáxi.

Na biblioteca

Chamam: «Raquel!»
Dirijo-me ao balcão para levantar os meus livros. Um senhor sentado na biblioteca chama-me: «Pssst! Anda cá.» Vou, estranhando, livros de poesia cubana dos anos 70 na mão (repete: a minha cena é a literatura, não faço política). «És tu que estás a estudar Angola?» Como é que ele sabia? Era apenas mais um leitor, estava ali há três dias, ainda só tinha pedido livros dos anos 70 (repete: de poesia, de poesia) e ele já sabia o que eu estava a investigar? Afirmei timidamente, abanando o livro de poesia. «Tens de ler um livro muito bom — anda cá!», e pediu-me que me baixasse para me segredar ao ouvido: «Já leste o *Dulces Guerreros Cubanos*, do Norberto Fuentes?» Sorriu, como se estivesse a partilhar comigo um segredo de Estado: «É bom, não é?», perguntou traiçoeiro. «Schiuu!», disse depois, com o indicador sobre os lábios.

Norberto Fuentes foi um dos escritores do regime, escreveu *Condenados del Condado* em 1968, lutou na clandestinidade e na Serra, esteve em Girón e no Escambray, foi chefe dos serviços secretos, unha e carne com os Castro, mas abandonou o país, como dissidente, depois do caso Ochoa, em 1989. Arnaldo Ochoa era um alto general do regime cubano que acabou fuzilado, acusado de tráfico de droga, de diamantes e de marfim, e de ligações com Pablo Escobar, na Colômbia. Era, então, o chefe máximo do exército cubano em Angola.

No exílio, em Miami, Norberto Fuentes escreveu esse livro sobre Angola e também, entre outros, *Autobiografía de Fidel Castro*. Não foi um retrato simpático. É considerado um *gusano*. Os seus livros já não se encontram em Cuba (nem nas bibliotecas, confirmei) e hoje é *persona non grata*. Nunca soube quem seria aquele leitor, mas concluí que não devia ser um amigo.

Durante muito tempo não quis saber do Ochoa, precisamente porque o meu trabalho não era sobre política. Mas houve um escritor que um dia me disse: «Para compreender a maneira como Cuba olha para Angola, como os cubanos pensam Angola, há um antes e um depois do Ochoa.» Nunca pensara que a minha teoria da «síndrome» de Angola se materializava naquela obsessão pelo Ochoa que ainda existe na sociedade cubana. O trauma não é Angola, ou a guerra: o trauma é terem fuzilado aquele homem, filmado o julgamento, transmitido diariamente na televisão como um *reality show* sobre um crime e o seu castigo, a autocrítica, o *mea culpa*, peito aberto às balas. Os militares do Ministério do Interior de Camagüey só tinham medo que eu fizesse perguntas sobre o Ochoa, nem queriam saber de Angola. Quem me teria denunciado? Talvez nunca venha a saber, mas sei agora que a minha teoria se concretizou ali, diante do Freddy e do Nicolai.

Coda

Dias depois de tudo, li assim, num verso do poeta cubano Carlos Esquivel (que também esteve em Angola): «*Nunca vuelvas donde fuiste feliz, porque es peligroso ser feliz dos veces.*» E eu, que fora a Cuba tantas vezes desde 2005, primeiro deslumbrada, depois desiludida, cansada de tanto sorrir — aprendera finalmente a lição. ■